

BELA, RECATADA E “DO LAR”: ESSENCIALISMO EM CENA...

José Lucas Campos Antunes dos Santos¹
Sandra Maria Pereira do Sacramento²

Resumo: *O presente artigo tem como objetivo estabelecer vínculo conceitual discursivo entre o modelo de mulher constante do poema Adormecida (1870), de Castro Alves, e a manutenção do mesmo em falas como “Bela, recatada e do Lar”, e “Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes de preços no supermercado do que a mulher”. A primeira foi enunciada em título de uma reportagem da Veja (2016) sobre a primeira-dama, Marcela Temer e a segunda pelo ex-presidente, Michel Temer, em 2017. Para tal, utilizaremos os estudos pós-feministas (Butler, 2008), a Análise do Discurso (Maingueneau, 2012) e o dialogismo (Bakhtin, 1992), como base teórica, a fim de entender como as condições de produção e recepção tornam-se indissociáveis para a produção de sentido. Assim, pretende-se identificar as estratégias lançadas sobre a mulher no endosso de discursos hegemônicos, para que fosse reduzida a uma posição essencialista, exercendo um papel de ser vicário numa ordem favorável à dominação masculina.*

Palavras Chave: *Monologismo; Dialogismo; Discurso; Gênero; Pós-feminismo.*

Abstract: *The present article aims to establish a conceptual discourse link between the model of woman constant in the poem Adormecida (1870) of Castro Alves and the maintenance of the same in speeches as "Beautiful, restrain and domestic" and "No one else is able to indicate the imbalance of prices in the supermarket than the woman". The first was pronounced in the title of a report by Veja (2016) on the first lady, Marcela Temer and the second by the President, Michel Temer, in 2017. For this purpose, we will use post-feminist studies (Butler, 2008), Discourse Analysis (Maingueneau, 2012) and dialogism (Bakhtin, 1992) as a theoretical basis in order to understand how the conditions of production and reception become inseparable to the production of the meaning. Thus, it is intended to identify the strategies launched on women in the endorsement of*

¹ Estudante de Letras – Português/Inglês da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Foi bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Pereira do Sacramento, com o projeto intitulado “Bela, Recatada, e do lar: essencialismo em cena...”. Contato: cans.luc@gmail.com

² Doutorado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e Pós-doutorado pela Université Poitiers-France (2012-2013). Membro do GT/ANPOLL Mulher e Literatura e do Centre de Recherches Latino-Américaines; MSHS da Université Poitiers-France. Atualmente, é professora plena da Universidade Estadual de Santa Cruz. Contato: sandramsacra@uesc.br

hegemonic discourses, to be reduced to an essentialist position, playing a role of being vicarious in an order favorable to male domination.

Keywords: Monologism; Dialogism; Discourse; Gender; Postfeminism.

Introdução

Um olhar crítico direcionado para a formação da tradição ocidental, pautada na urdidura da ontologia/epistemologia/ética/estética (ser/não-ser, razão/não-razão, justo/injusto, belo/feio) nos possibilita entender como as estratégias lançadas sobre a mulher, no endosso do discurso hegemônico, contribuíram para a perpetuação de relações sociais injustas, que colocaram e colocam o feminino numa posição de segundo dos pares. Nesse sentido, estaria a esfera pública e o *direito positivo* garantidos ao homem, branco, europeu, pagador de impostos; enquanto à mulher, a esfera privada, o estado pré-civil do direito natural, dotada do domínio emocional, como pode ser observado na pintura *Arrufos* (1887), de Belmiro de Almeida, que retrata a mulher insana, jogada ao chão, e o homem na plenitude de sua razão sentado ao lado, observando um charuto.

Ilustração 1: Arrufos (1887), de Belmiro de Almeida



Tal modelo ontológico e essencialista do ser mulher encontra-se fortemente representado na literatura canônica. Neste trabalho, faremos a análise do poema *Adormecida* (1870), do romântico Castro Alves, buscando estabelecer um vínculo conceitual entre o modelo de mulher endossado pela tradição; identificando o mesmo em manchete da *Veja* (2017), periódico de grande circulação nacional, em que a primeira dama, Marcela Temer, é descrita em patamar de dominação masculina como Bela, Recatada e do Lar, na medida em que a mulher é narrada pelo homem e não ser de sua própria historicidade. Pierre Bourdieu esclarece-nos, em “A Dominação Masculina”, acerca da prescrição comportamental, no que diz respeito à divisão sexual de papéis.

[...] é preciso perguntar-se quais são os mecanismos históricos responsáveis pela des-historização e pela eternização de estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes. [...] Lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas, tais como a Família, a Igreja, a Escola... [...] é reinserir na história e, portanto, devolver à ação histórica a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (e não, como quiseram me fazer dizer, tentar parar a história e retirar às mulheres seu papel de agentes históricos) (BOURDIEU, 2016., p.8).

Trata-se, portanto, de expor as contradições de uma ordem de dominação, que, por séculos, subjugou indivíduos, reduzido na relação como o *Outro* (BEAUVOIR, 1949) e, assim, demonstrar, *a contrapelo* (BENJAMIN, 1994), que a eternização da Verdade da história se manteve com o recurso do “era uma vez” e, com o uso de toda sorte de alegorias e símbolos, a serviço da manutenção de um discurso imaginário e hegemônico.

Estamos falando da negação de uma historicidade, que explica social e historicamente como se deu a divisão dos sexos, e, por conseguinte as transformações proporcionadas por estudos, que clamaram por mudanças nas estruturas societárias, como, por exemplo, o direito ao voto conquistado na Europa pelas Sufragistas e aqui no Brasil, já na década de 30 do século passado.

Estudos pós-feministas, como os de Judith Butler (2008), percorrem essa mesma linha teórica ao que ela chama de reivindicação ontológica, buscando

compreender os mecanismos históricos, que fizeram com que indivíduos aceitassem livremente serem governados. Por isso, *Bela, Recatada e do lar: essencialismo em cena...* busca fomentar a discussão sobre a atualização/manutenção da dominação masculina ao longo do tempo, em camadas de significação, no endosso de uma espécie de essencialismo do que fosse a mulher. Desse modo, este texto apresenta possibilidades de se pensar o discurso literário e em outras produções, como artigo de revista, a partir da fala de um presidente, pintura de época, etc., alicerçados em formações discursivas que se repetem ao sabor do tempo. É nesta linha argumentativa que vamos encaminhar este texto, isto é, como os discursos se mantêm e quais são os mecanismos sociais para que isso ocorra.

1. A representação feminina em *Adormecida*, de Castro Alves: monismo e monologismo como forma de essencialismo

A partir da segunda metade do século XX surgiram novos questionamentos acerca do texto literário. Até então, a esse era atribuído um caráter *desinteressado* voltado para o prazer e a fruição estéticos. Mikhail Bakhtin, por exemplo, muito contribuiu com seus estudos, indo além do estruturalismo saussuriano quando propôs um novo tipo de análise acerca do texto literário, refutando a ideia de que o signo linguístico, quando utilizado literariamente, não possuía um referente. Para os *beletristas*, isto é, aqueles que defendem *a forma pela forma*, a obra literária deveria ser lida de maneira *imane*nte, voltada para si própria. Para o francês Dominique Maingueneau, de *O Discurso Literário*:

Mais do que isso, muitas vezes ela [a doxa] foi reforçada nos anos 1960, tendo-se levado ao paroxismo a concepção “autotélica” da literatura que se impusera com o romantismo, alcançando seu ponto culminante no final do século XIX (MAINGUENEAU, 2012 p.8).

Por outro lado, Bakhtin sugere que a artístico deve ser lido em sua dimensão dialógica, não distante do uso do código linguístico em qualquer circunstância. Daí a relativização à hierarquia entre conceitos como alta cultura, cultura de massa, cultura popular; como consequência, as metanarrativas da tradição ocidental, defendidas pela Igreja, Escola, Estado, etc. passaram a ser questionadas e repensadas, uma vez que

estas absolutizaram lugares de fala, esteadas em ontologia/epistemologia/ética/estética e, ao mesmo tempo, destituíram outros indivíduos, colocando-os em posição de segundo dos pares.

Trata-se, então, da interação entre o leitor e a obra literária, que há a partir das *condições de produção* do escritor e das *condições de recepção* do leitor um intermédio entre “objeto” e “sujeito” para a análise da obra. Parte-se, assim, do entendimento de que qualquer análise sobre um texto literário irá variar de acordo com as visões de mundo do autor e do leitor, em cuja relação, os discursos estarão postos e sendo atualizados.

Tal enfoque pretende revisar o discurso a partir da ótica dialógica, analisando as minúcias das obras do ponto de vista do autor e do receptor, levando em conta os seus respectivos contextos históricos, meios de produção etc. Nesta dimensão, o autor perde a autoria da sua obra em nome de uma mediação produtora de sentido a fim de entender como os valores correntes são retaliados, atualizados ou endossados. O primeiro texto em que nos debruçamos em nossa análise é o poema *Adormecida*, publicado em 1868, do escritor baiano Castro Alves. Esse, como homem, escritor, com direito de voz, fala sobre a mulher a partir de seu lugar de fala, legitimado pela tradição.

Adormecida

(Castro Alves, 1991)

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos – beijá-la.

Era um quadro celeste! ... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
Pra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
“Ó flor! – tu és a virgem das campinas!
“Virgem! – tu és a flor da minha vida!...”

As problemáticas até aqui apontadas se evidenciam na lírica de Castro Alves. Como poeta do Romantismo, Castro Alves está preocupado em endossar os valores burgueses vigentes assentados em discurso conservador e estigmatizante sobre as mulheres, subalternizando-as como passivas e lânguidas, como coloca o poema e se confirma também na tela reproduzida de “Arrufos” (1887), de Belmiro de Almeida, acima (seção de introdução deste artigo) reproduzida. Tal predisposição enunciativa encontra-se nos seguintes versos: *Uma noite, eu me lembro... Ela dormia* (1º verso, 1ª estrofe) / *Iam a face trêmulos – beijá-la* (4º verso, 3ª estrofe). Já, em um primeiro momento, percebe-se o imaginário que se tem construído sobre o ser mulher, sendo corporificado, portanto, por quem enuncia, um homem branco.

Para o poeta romântico, o texto literário é uma *mônoda*. Desse modo, a obra vale por si mesma, como objeto estético não podendo, no entanto, ser prescindida da reflexão social, na qual se inscreve, sendo interpretada, portanto, como parte de um todo, uma vez que o poeta está numa posição de ser superior que é capaz de apreender, em formas, nos limites da legalidade da imaginação. Imaginação essa corporificada no poema quando atribui a infantilidade à mulher, sendo sinônimo de inocência e falta de razão: *Brincavam duas cândidas crianças...* (2º verso, 5ª estrofe).

Lançar um olhar sobre essa concepção do fato literário é perceber e compreender a visão estilística de Charles Bally, na trilha estruturalista, por exemplo, – está para a língua (*langue*) e não para a fala (*parole*), neste sentido, para a norma, previamente estabelecida para o uso da língua - da obra, enquanto forma. Não por acaso, a tradição ocidental, amparada na esteira da metafísica, compreendia a obra

literária numa perspectiva monística, valendo em si mesma como um todo e dissociada de uma reflexão sobre a sociedade corrente.

Desse modo, busca-se problematizar o monismo que se opõe a uma perspectiva dialógica, como defende Bakhtin, inviabilizando a pluralidade e diversidade das enunciações. Como consequência desse pensamento, observa-se nas propagandas, nos programas de TV, nos discursos correntes, sobretudo na literatura, principal objeto de análise desse estudo, um discurso essencialista, o qual dicotomiza, numa esfera excludente, os pares dicotômicos da tradição ocidental: centro/periferia, homem/mulher, branco/negro, justo/não-justo, razão(*logo*)/não-razão(*doxa*).

Isso se reflete, enquanto *habitus*, por exemplo, na “divisão sexual do trabalho, na distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos” (BOURDIEU, 2016, p.24), que se inscreve como um *monismo*, que se mantém por meio de um determinismo essencialista, o qual permeia o mundo social que constrói a partir dos corpos como “princípios de visão e divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2016); atribuindo, ao homem, a “brutalidade masculina” e à mulher, a “formosura feminina”.

Nesta perspectiva, o que se pretende é uma leitura com “espátulas”, a fim de remover as camadas discursivas do poema, trazendo à luz as ideias do autor com base em suas condições de produção sobre o discurso enunciado. Não, por acaso, o poema sinaliza para a presença de um homem, - já identificado como homem e branco, uma vez que aos segundos dos pares lhes foi negado o poder enunciativo -, este invade o espaço e o corpo da mulher que repousa: *Quase aberto o roupão... Solto o cabelo*. Tais predisposições também estão presentes em: *Mesmo em sonhos a moça estremecia... (2º verso, 4ª estrofe) / Quando ela serenava... a flor beijava-a... (3º verso, 4ª estrofe) / Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia... (4º verso, 4ª estrofe)*.

É certo que a subjugação feminina como o *Outro* (BEAUVOIR, 1980), isto é, o *grande Outro*, impôs-se como estratégia discursiva para restringi-la a tarefas secundárias e rotineiras como a geração/criação de filhos e domésticas, com destituição de importância prática e intervencionista na ordem dos acontecimentos sociais. Simone de Beauvoir trata sobre essa dicotomia de forma explícita em seu livro *O Segundo Sexo*:

Através de uma anexação total, a mulher seria rebaixada ao nível de uma coisa; ora, o homem pretende revestir de sua própria dignidade o que conquista e possui; o Outro conserva, a seus olhos, um pouco de sua magia primitiva; como fazer da esposa ao mesmo tempo uma serva e uma companheira (BEAUVOIR, 1980, p.102).

Assim, a ordem de dominação também faz dos homens vítimas do próprio discurso, ao colocar as mulheres numa posição *vicária*, isto é, que substitui o homem quando este não se encontra, como ocorre no lar, na esfera do privado, por exemplo, em expressões maternas, como: *Quando seu pai chegar, vou contar tudo o que você fez!* É através dessas identidades elencadas, tidas como fixas, que modelos e divisão de papéis se inscrevem para cada um dos sexos. É possível dizer que a forma como a sociedade está estruturada beira à selvageria e à insanidade, uma vez que com recursos disponíveis, pela ciência, religião ou o mito, escravizam simbolicamente indivíduos capazes de essencializar e naturalizar relações sociais injustas.

Não por acaso, o gênero masculino se mostra como universal, não precisa ser marcado, corresponde ao todo, como “Homem”, representante da raça humana. Na morfologia, por exemplo, a desinência de gênero feminino é marcada em oposição ao masculino. Por esse viés, podemos compreender porque Barthes (1977) chama a língua de fascista, pois não está no fato da língua em si, mas no atributo, com qual se emprega a língua como linguagem. Ainda sobre essa questão, retomamos Simone de Beauvoir ao que se evidencia essa relação de oposição com o *Outro*, pois só por meio da afirmação do sujeito, enquanto homem em oposição à mulher, é o que ele é, sendo a mulher o que se limita em ser o *Outro*, pois ela não é. Em outras palavras: é o que não é um homem.

Tal problemática torna-se fácil de ser compreendida se fizermos uma retrospectiva aos costumes da Antiguidade, quando as sociedades hebraica, grega e romana atribuíam à figura feminina a responsabilidade pelas mazelas que afligiam aquelas populações, em especial, o homem. Um bom exemplo dessa atribuição de qualidades negativas é a Eva, mulher de Adão que, ao comer o fruto do bem e do mal, põe em ruína toda a criação. Logo faz-se da mulher a personificação do pecado e responsável pelas desgraças, isso sem falar nas bruxas da Idade Média e suas *maldades* secretas. A partir dessa visão, a mulher estaria, já em sua natureza, predisposta à

selvageria, à traição, à astúcia, ao oficioso e ao místico. A essa percepção do feminino atribuem-se os vícios, enquanto ao homem a virtude (= virilidade).

Analisando a 6ª estrofe do poema, reproduzido abaixo, nos deparamos com uma cena um tanto quanto invasiva. Neste momento, o eu poético/sujeito da enunciação no masculino se esgueira pela janela até o encontro da moça, que repousa com o roupão aberto e os seios à mostra.

*E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando via despeitada a meio,
Pra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de Pétalas no seio ...*

Estes versos prenunciam o assédio em relação ao corpo feminino, uma vez que o homem, que a observa, invade o espaço de seu repouso e sem o consentimento da mulher, toca seu corpo, utilizando como metáfora o ramo da árvore. Para tanto, vale-nos lembrar dos avanços na criação de instrumentos legais a fim de coibir o assédio às mulheres e a violência doméstica. No Brasil, a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, representa um dos principais marcos legais na luta pelo direito e segurança das mulheres. Se consultado o Capítulo II, art 7º, inciso III do texto da Lei, ele nos esclarece o que caracteriza como formas de violência doméstica e familiar contra mulher e tipifica como crime.

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

III – a *violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais reprodutivos. (LEI MARIA DA PENHA, 2014, p. 11. Grifo nosso).*

Não obstante, a criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) em 2013 foi um outro importante marco legal no processo de consolidação e desenvolvimento das políticas para as mulheres. A partir dessa, cria-se então o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, tendo como alguns de seus princípios

norteadores a “autonomia das mulheres em todas as menções da vida”, a “busca da igualdade efetiva entre mulheres e homens, em todos os âmbitos”, o “respeito à diversidade e combate a todas as formas de discriminação”, etc. Além do PNPM, mais recentemente, ocorreu a criação da Lei nº 13.10, de 9 de Março de 2015, que tipifica como crime o feminicídio, o assassinato de mulheres motivado por razões da condição do sexo feminino.

Desse modo, observa-se que as condições de produção respondem, em *Adormecida*, de Castro Alves, pelo imaginário corrente do século XIX; mas podemos ler esse poema hoje, pelas condições de recepção do século XXI, em que os dispositivos legais podem ser acionados e a enunciação masculina pode ser rasurada. Tal sentido cartografado sobre a mulher na lírica romântica se desestabiliza para nós, dado que a representação aí contemplada, assenta-se no direito de fala do primeiro dos pares. Em contrapartida, estamos falando da produção de outros sentidos a partir dos acordos dos falantes, na perspectiva dialógica, lançando olhar sobre indivíduos que assumem seu lugar enunciativo - eu.tu. aqui. agora (MAINGUENEAU, 2012) – a *contrapelo* (BENJAMIN, 1994), de uma representação hegemônica, que estigmatiza e impossibilita outras enunciações.

Apesar de todos os avanços nas políticas públicas, no que concerne às questões de gênero, a sociedade brasileira vem apresentando exorbitantes contingentes de violência neste quesito. A disparidade nas relações de trabalho entre homem e mulher, por exemplo, continua a ser um sério problema em nosso país. De acordo com o Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2017, o Brasil caiu 11 posições no ranking de países com maiores índices de igualdade de gênero. O reflexo dessa defasagem está na participação das mulheres na política brasileira. Trata-se de uma problemática recorrente desde a redemocratização do país, após o golpe militar que sofreu em 1964. Trinta e um anos depois de redemocratização um novo golpe; a primeira mulher presidenta do país, Dilma Rousseff, sofreu processo arbitrário de *impeachment* levado por parlamentares de conduta duvidosa. Nas redes sociais, na época, circulavam imagens de montagens feitas com o rosto da presidenta Dilma Rousseff em que ela aparecia de pernas abertas e eram colados adesivos com essa estampa na entrada dos tanques de gasolina dos carros, que, quando abastecidos, passavam a ideia de que a bomba de gasolina a estava penetrando sexualmente, conforme manchete do site

vermelho.org.com³. A veiculação dessas imagens nas redes sociais e nas ruas evidenciam a misoginia e o machismo presentes no discurso daqueles que pediam a saída da presidenta eleita.

Dado o golpe, Michel Temer (na época vice-presidente) assume o cargo de Presidente da República em 2016 até 2018. Em um de seus aparecimentos, sempre polêmicos, uma vez que seu posicionamento político diverge e em muito do que se pretende por libertação das mulheres, profere no *Dia Internacional da Mulher* o seguinte fragmento do seu discurso: "Na economia também a mulher tem grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes de preços no supermercado do que a mulher." Como ocorre no poema de Castro Alves, a fala do presidente atribui uma significância essencializada à mulher, colocando-a num patamar do doméstico, haja vista que, a partir da fala de Michel Temer, a participação da mulher na economia se restringiria às atividades domésticas, como as compras no supermercado. Ainda, no mesmo discurso, ele menciona que tem "a absoluta convicção, até por formação familiar, por estar ao lado da Marcela [esposa], o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o quanto faz pelos filhos.". Mais uma vez, o presidente *reifica* uma visão sobre a mulher, remetendo-a aos afazeres domésticos como o zelo do lar e a geração e criação dos filhos; contrariando toda a luta das mulheres em busca do estado de direito.

Contemporâneo ao discurso de Temer, a *Revista Veja* publicou uma matéria que se alinhava ao discurso misógino e sexista que motivou o impeachment da presidenta reeleita. Com o título *Bela, Recatada e "do lar"*, a matéria apresentava o perfil da vice-primeira-dama, sendo Marcela Temer descrita como *vice-primeira-dama do lar*, uma *mulher de sorte* por ter um casamento com o vice-presidente, 33 anos mais velho. Para compreendermos o papel desta matéria, na repetição deste discurso imanente sobre a mulher mãe, esposa e amante, é preciso recorrer à genealogia destas predisposições, de modo a conferir as amarras discursivas que se colocam em torno do que se entende sobre o ser mulher.

Ideias feministas cunhadas por Poullain de la Barre, com a obra *De la igualdad de los dos sexos* (1673) permitem-nos associar a figura de Marcela Temer a um

³ Datada de 01 Julho de 2015.

movimento literário e social chamado “preciosismo”, no século XVII, em que mulheres de alta classe social e com formação educacional tinham permissão para transitar por espaços dominados pela intelectualidade e tratar de temas variados; mas as *preciosas* eram mulheres que dependiam financeiramente de seus maridos e a eles deviam obediência, num contexto de grande misoginia. Confirmando-se o que dizemos em:

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular.

Marcela reforça a predisposição à subordinação natural da mulher em relação ao homem, pois ocupa o papel vicário (BEAUVOIR, 1980) de seu marido: “Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente”. Outra predisposição passível de reflexão é a ênfase na presença de sua mãe em seu cotidiano, e como essa presença está marcada desde o seu casamento com Michel Temer. Aqui, Marcela soa como um troféu para um homem mais velho e influente na política: educada, amorosa e bela, a esposa perfeita, no molde machista esperado pela sociedade brasileira, em que o mérito é substituído pelo compadrio.

O final da citação acerca das ações da primeira dama dialoga muito bem com a tela *Arrufos* (1887), de Belmiro de Almeida já aqui reproduzida. O homem, na plenitude de sua razão, fumando seu charuto tal qual Temer, ao “mergulhar num outro mundo”. Trata-se de uma espécie de manto discursivo, que se atualiza à luz das circunstâncias. Para esse posicionamento, trazemos Garzón em *Historia del Feminismo*:

Estas imágenes se han actualizado com propuestas aparentemente más novedosas como las de “mujer moderna”, pero conservando intacta la maternidad como seña de identidad de la mujer. Esto es, que el sexo de

la mujer la sitúa obligatoriamente al servicio de la familia y, em definitiva, del hombre, una idea que persiste en el modelo de madre y esposa que vemos no solo em películas y publicidad, sino em los discursos médicos sobre la crianza y en las propuestas pedagógicas sobre las relaciones entre madre e hijo que presionan a la mujer para ser el “ángel del hogar” em versión moderna. (GARZÓN, 2011, p. 21)

Estas representações vão se atualizando como propostas aparentemente novas, como as de “mulher moderna”, no entanto conserva-se intacta a maternidade enquanto identidade única da mulher. Isto é, o sexo da mulher situa-se obrigatoriamente à serviço da família, sobretudo do homem, uma ideia do modelo de mãe e esposa que observamos em filmes e publicidades, sem contar os discursos médicos sobre a criança e suas propostas pedagógicas sobre a relações entre mãe e filho que pressionam a mulher a ser o “anjo do lar”, em sua versão moderna. (GARZÓN, 2011, p. 21) (tradução nossa)

Nesse sentido, o protótipo de mulher burguesa, abonado pela revista sobre Marcela, reforça e enaltece seu lugar de *ángel del hogar*. O seguinte trecho da matéria ilustra o reforço e a manutenção do discurso essencialista em relação à mulher em pleno século XXI:

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. *Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).* (Grifo nosso)

Ora, a formação educacional de Marcela é situada na matéria de modo a comportar o modelo da mulher “preciosa”, alimentando a dicotomia inteligente e bela, uma vez que, apesar de seu bacharelado em Direito, nunca exerceu sua profissão, tendo atuado como recepcionista/secretária e Miss dos concursos de que participou. Quando

cuida *um pouco* de si mesma, o objetivo é a manutenção de sua beleza etérea, para se manter jovem e atraente para seu marido de 75 anos!

Não é novidade que a *Revista Veja* aposta em suas reportagens, em enfoques conservadores, quando se trata de temas polêmicos, como, por exemplo, o empoderamento da mulher. Em relação à ex-presidenta Dilma Rousseff, essa foi objeto de severas críticas depreciativas, sendo associada à loucura, à fragilidade ou ao seu suposto despreparo para ocupar cargo público de chefe de governo, antes restrito ao homem. Mais uma vez, a pintura *Arrufos* (1887), de Belmiro de Almeida nos auxilia na alusão, quando a mulher é associada à natureza, à emoção, à não-razão, contribuindo para a cristalização de papéis de gênero. Sendo retratada em títulos de matérias, entre outros, como: “Dilma é a mais perfeita besta quadrada” (18 de Agosto de 2018), “Áudio: O erro de Dilma, achar que sabia de tudo – inclusive de futebol” (24 de Junho de 2019) “#SanatórioGeral: Neurônio em pane” (13 de Maio de 2019).

2. Do binarismo à pluralidade: o gênero como performance

Tal significação sobre o feminino, discutida ao longo deste artigo, ficam evidentes tanto no poema de Castro Alves, especificamente no verso: “*Ó flor! - tu és a virgem das campinas!*” (3º verso, 8ª estrofe), quanto na fala de Temer: “*o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o quanto faz pelos filhos*”. Estes encontram-se na esteira do binarismo, que, através de um discurso hegemônico, determina e legitima a posição dos sexos na sociedade. A pós-feminista Judith Butler, muito tributária do pós-estruturalismo, por outro lado, lança análise sobre como se dá a estruturação binária dos sexos, em:

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante “constrói” o gênero [a mesma] é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, [mas] tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia [como viu Freud] mas a cultura se tornou o destino (BUTLER, 2008. p. 26).

Assim, sexo e gênero estão imbricados numa relação de produção de sentido e percebemos que a divisão binária dos sexos se encontra no eixo de sustentação de uma estrutura de poder que se mantém através da repetição, pragmaticamente, perpetuada pelos discursos, que circundam e atravessam os indivíduos, legitimando uma identidade do *eu moderno*, que fixa e limita os papéis sociais a serem exercidos por cada um dos sexos. Ainda numa concepção binária do gênero, este se apresenta apenas como masculino e feminino excluindo, assim, outras possibilidades que desemboquem na fluidez do gênero. Mas o que determina o ser mulher? Do mesmo modo, o que determina ser homem? Passeando por essas questões, notam-se aporias de sentido, as quais dão vazão para se pensar além do binarismo, num novo conceito de gênero fluido.

Desse modo, estaria o gênero a serviço de um discurso que naturaliza as formas de opressão e conduz a uma presunção ontológica e epistemológica, a qual reduz a mulher a um instrumento de produção e reprodução, nos moldes da *heterossexualidade compulsória*, na linha sexo-gênero-desejo (BUTLER, 2008).

Em *A origem da Família, da Propriedade e do Estado Privado*, Engels (1986) nos elucida como se deu o caráter atual das relações sexuais ao associar a mudança das práticas de caráter “inocente primitivo e selvático por força do desenvolvimento das condições econômicas”. Foi, através do matrimônio, que os homens conseguiram introduzir a monogamia apenas para as mulheres e manter o controle sobre os seus corpos.

A monogamia não aparece na história, portanto como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre sexos, ignorado, até então, na pré-história. Num velho manuscrito inédito, redigido por Marx e por mim, encontro a seguinte frase: A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos (ENGELS, 1986. p.104).

Para melhor exemplificar essa relação, chamamos a dialética hegeliana do *Senhor e do Escravo*. Estaria o sujeito pertencente ao segundo dos pares para a posição de escravo, uma vez que se vê e se entende, enquanto ser destituído de razão, sujeito à significação alheia (primeiro dos pares), nesse caso, é o senhor, quem cativa e atribui sentido ao sujeito narrado. No entanto, a antítese que se busca dessa síntese social é a revelação do escravo como sujeito detentor de sua própria enunciação. Assim, o que se

pretende é atingir o diálogo em quiasmo, dando voz aos seres que nunca tiveram, em contraponto, isto é, em X, cujos vértices se sustentem em busca do *eu atendido*.

Trata-se, assim, de desvelar o projeto ideológico, no qual se estruturam as relações de poder entre os sexos, por meio de uma perspectiva dialógica, recorrendo a um estudo interdisciplinar, a fim de contemplar e resolver a maior quantidade de problemáticas levantadas. Neste sentido, as palavras de Butler ainda nos auxiliam em nossa argumentação:

Explicar as categorias fundacionais do sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder supõe uma forma de investigação crítica, a qual Foucault, reformulando Nietzsche, chamou de “genealogia”. A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos (BUTLER, 2008. p.9).

Como no poema em análise, quanto na matéria da *Veja* e no discurso de Michel Temer, o que se percebe é um vínculo discursivo sustentado pela repetição de um antes atemporal, marcado pela ontologia; à imagem e semelhança de Deus. São essas algumas das inúmeras predisposições essencialistas que se comprometem em atribuir receptáculos de substância e atributo às identidades. Assim, a relação eu-outro é sempre atravessada por hierarquias conceituais:

A linguagem de apropriação, da instrumentalidade e do distanciamento que se adequa à forma epistemológica, também pertence a uma estratégia de dominação que joga o “eu” contra “Outro”, e, uma vez efetuada a separação, cria um conjunto artificial de questões sobre a possibilidade de conhecer e resgatar esse Outro (BUTLER, 2008. p.207).

Assim, a relação eu-outro é sempre atravessada por hierarquias conceituais e percebemos que a linguagem desempenha papel fundamental na produção de sentido e na estratificação das identidades. Desse modo, estaria o gênero diluído como performance discursiva, confirmando que o “eu” atemporal é sempre marcado por uma ausência, eternizada pelo discurso que Derrida (1973) chama de *différence*, isto é, o sentido não é nunca suturado, mas sim postergado, no seu ato de nomeação.

Conclusão

Portanto, buscou-se neste artigo *Bela, Recatada e do lar: essencialismo em cena...* evidenciar as discussões acerca da construção discursiva na atribuição do que seja a mulher. Especificamente, entre o modelo de mulher representada no poema *Adormecida* (1870), de Castro Alves, e a atualização do mesmo em falas como “Bela, recatada e do Lar”, e “Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes de preços no supermercado do que a mulher”. A primeira foi enunciada em título de uma reportagem da *Veja* (2016) sobre a primeira-dama, Marcela Temer e a segunda pelo ex-presidente, Michel Temer, em 2017. Assim, identificar e analisar as estratégias lançadas sobre a mulher no endosso de discursos hegemônicos, para que fosse reduzida a uma posição essencialista, exercendo um papel de ser vicário numa ordem favorável à dominação masculina.

A repetição, através de tentativas exaustivas de tirar das mulheres os seus direitos, conquistados através de muita luta, corrobora com os atuais pronunciamentos infundados sobre a teoria feminista e as políticas para as mulheres. Trata-se, portanto, de uma reação à emancipação das mulheres – principalmente se negras, lésbicas, indígenas, trans -, na tentativa de encarcerar as vozes e impor o silêncio. Tal reação, motivada por pressupostos religiosos e fascistas, refazem um cenário discursivo obscuro e temeroso aos que anunciam, de fato, tempos em que as liberdades individuais e a democracia correm sérios riscos.

Referências

ALVES, Castro. **Espumas flutuantes**. São Paulo: GRD, 1991.

BAKHTIN, Bakhtin. **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo – fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. 1994.

BONIN, Robson. Áudio: O erro de Dilma, achar que sabia de tudo – inclusive de futebol. **Revista Veja**. 24 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/radar/exclusivo-os-conhecimentos-de-dilma-no-futebol/>>. Acesso em: 01 ago 2019

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**: A condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro. Best Bolso, 2016.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman; Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

EDITOR. O discurso que Michel Temer poderia ter evitado no Dia da Mulher. **Pragmatismo Político**. 08 de mar. de 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/03/o-discurso-que-michel-temer-poderia-ter-evitado-no-dia-da-mulher.html>>. Acesso em: 14 set 2017

GARZÓN, Juan Sisínio Pérez. **Historia del Feminismo**. 1. ed. Madrid: Los libros de La Catarata, 2011.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Revista Veja**. 18 de abr. de 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 14 set 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Literário**. Tradução Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012

NUNES, Augusto. #SanatórioGeral: Neurônio em pane. **Revista Veja**. 13 de Maio de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/sanatoriogeral-neuronio-em-pane/>>. Acesso em: 01 ago 2019

NUNES, Augusto. Dilma é a mais perfeita besta quadrada. **Revista Veja**. 18 de Agosto de 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/dilma-e-a-mais-perfeita-besta-quadrada/>>. Acesso em: 01 ago 2019

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile ou de l'éducation**. Paris: Flammarion, 2009.

Artigo recebido em: 16/11/2018

Aprovação final: 25/11/2019

DOI: <https://doi.org/10.35501/dissol.vi10.488>